



COELHO, Manuel Rodrigues [Roiz / Rois] (Elvas, c.1555 – Lisboa?, c.1635)

Das indicações biográficas dadas pelo próprio Manuel Rodrigues Coelho no seu “Prologo da Obra aos Tangedores; & professores do instrumento de Tecla”, o local de nascimento é claramente referido quando cita a “See d’Elvas, minha igreja primitiva, & natural, aonde me criei”.

Embora Kastner não tenha encontrado referências à vida deste compositor nos arquivos da Torre do Tombo e da Sé Catedral de Lisboa, em 1936 avança com a data de 1583 como ano de nascimento de Rodrigues Coelho na cidade de Elvas¹, sem contudo apresentar dados concretos que o tenham levado a tal conclusão. Embora esta atribuição tivesse sido anteriormente anotada por Vasconcelos em 1870, que argumentava que “sabe-se que nasceu antes de 1583 pelo que se deduz do prólogo do seu livro”², só posteriormente foi reconhecida por Kastner³. Todavia, várias referências biográficas recentes sobre Rodrigues Coelho, nomeadamente dicionários da especialidade⁴ permanecem ainda baseadas na primeira atribuição de Kastner.

Contudo, mais de vinte anos após as suas convicções iniciais, Kastner apresenta novos dados sobre a data de nascimento de Rodrigues Coelho. Na sua nota bibliográfica, João de Freitas Branco refere que na sua “interessante comunicação, Santiago Kastner apresenta argumentos no sentido de Rodrigues Coelho ter nascido muito antes de 1583: cerca de 1555”⁵. A este respeito, posteriormente, e baseado nas sucessivas investigações que realizou aos arquivos de Elvas e Badajoz entre 1956 e 1958, Kastner fundamenta convictamente a data de nascimento de Coelho no ano de 1555⁶, embora esta não pudesse ser firmemente atribuída pelo desaparecimento do livro de registos de baptismo, referente aos anos de 1555-1566, mas demonstrada pelas provas de registos de baptismo assinados pelo então “Padre Mestre Manuel Rodrigues” a partir de 1588, prevendo-se que já teria então entre 25 e 30 anos de idade⁷.

¹ M.S. Kastner, 1936b, pp. 33-34; 1935; 1936a.

² J. Vasconcellos, 1870, Vol. I, 49.

³ M.S. Kastner, 1979, p. 27.

⁴ M. Kennedy, 2006.

⁵ J. Freitas Branco, 1959, p. 354: sobre Kastner “La música en la Catedral de Badajoz (años de 1520-1602) (Barcelona, 1957)”.

⁶ M. S. Kastner, 1979, p. 28.

⁷ *Idem*, 1959; J. Newman, 1961.



Tendo como base a data de nascimento avançada por Kastner, o início dos estudos musicais de Coelho remontam aproximadamente ao ano de 1563, dado que o próprio compositor menciona sobre a “See d’Elvas”, hoje Igreja de Nossa Senhora da Assunção, que com a “idade de oyto annos ja nisto estudaua”⁸. Com efeito, esta data de 1563 como ano aproximado para o início da sua formação na Sé de Elvas⁹ é argumentada por Kastner com a base que só em 1570 a Igreja de Elvas foi elevada a Sé episcopal e em 1571 o primeiro Bispo dessa diocese, D. António Mendes de Carvalho, decretou transcreverem-se as várias normas que regulamentavam as obrigações do mestre de capela e do organista. Por este motivo, não foi possível obter a indicação do nome e referências ligadas ao mestre capela e organista de Elvas, e que se imagina possa ter sido o professor de Rodrigues Coelho, pois de igual modo era responsável pela formação dos meninos de coro. Kastner apresenta assim a hipótese que Rodrigues Coelho possa ter inicialmente beneficiado da formação em música como moço de coro, o que o levaria a determinar e estabelecer, aproximadamente, a data do seu nascimento pelo ano de 1555 e o início dos seus estudos em música no ano de 1563¹⁰.

Segundo os documentos do *Regimento do Mestre de Capela*¹¹, prevê-se que a formação de Rodrigues Coelho englobou a aprendizagem de cantochão, canto de órgão, contraponto e composição, distribuídas por duas lições: uma de manhã para cantochão e contraponto e à tarde para canto de órgão e composição. Para essa intensa formação musical, Kastner apresenta inicialmente como possibilidades a cidade de Évora ou Vila Viçosa “na então já florescente escola alentejana”¹² descartando, contudo, a própria Sé de Elvas que tinha sido tão claramente referida pelo próprio compositor no prólogo sua obra.

Durante os séculos XVI e XVII, a relação e intercâmbio entre os centros culturais e eclesiásticos das cidades fronteiriças era bastante acentuada, nomeadamente entre Badajoz, Elvas, Vila Viçosa e Olivença, destacando-se o intercâmbio dos cantores

⁸ *Prologo da Obra aos Tangedores, & professores do instrumento de Tecla*, in Coelho, 1620.

⁹ M. S. Kastner, 1959; 1979, p. 34.

¹⁰ *Idem*, 1979, p. 35.

¹¹ (*vide* anexo III-4) Transcrito por J. A. Alegria in J. Mazza, 1944-45, e referido por Kastner, 1979, p. 36.

¹² M. S. Kastner, 1936b, p. 34.



e instrumentistas entre a Capela da Catedral de Badajoz e a dos Duques de Bragança em Vila Viçosa.

Na sequência da morte de Juan de Trejo, que desde 1525 exercia o cargo de organista na Catedral de Badajoz, foi nomeado, a 19 de Junho de 1573, Alonso de Maladros para assumir o cargo vago de organista com um vencimento na ordem de 50.000 maravedis anuais. No entanto, por motivos desconhecidos, impôs-se a necessidade de procurar um novo organista para substituir Maladros até ao período em que ele pudesse assumir o respectivo cargo¹³. Assim, como consta nas *Actas Capitulares de Badajoz*¹⁴, Manuel Rodrigues Coelho é chamado a assumir as funções de organista substituto, tendo sido formalmente estabelecido o seu primeiro contrato a 18 de Setembro de 1573. Deste documento consta a referência do valor a atribuir de 20.000 maravedis, sendo igualmente referida a autorização para o pagamento retroactivo referente ao período precedente de serviço. Desta referência, surge a dúvida a que período de tempo se remete o início das funções de Rodrigues Coelho ao serviço da Catedral de Badajoz, pressupondo que possa ter decorrido nos três meses após a nomeação de Alonso de Maladros ou desde a data da morte de Juan de Trejo, remetendo ao ano anterior de 1572. Uma vez que Alonso de Maladros postergou o início do seu cargo de organista, o contrato realizado para a continuação de Manuel Rodrigues Coelho como organista da Catedral de Badajoz foi sendo sucessivamente renovado, a 23 de Junho de 1574, 1575 e 1576, tendo sido atribuído o valor inicialmente estipulado.

Permanecendo até 13 de Setembro de 1577, Manuel Rodrigues é nessa data exonerado das suas funções, sendo anotada como razão “porque no se cumple al servicio de Dios mio Señor y a la quietud de la Yglesia”¹⁵ informação esta que precede a entrada de Alonso de Maladros, que finalmente assume o seu cargo efectivo a 27 de Setembro de 1577¹⁶.

¹³ M. S. Kastner, 1979, p. 41.

¹⁴ *E-Bac, Actas Capitulares 1572-1587*, Archivo de la Catedral de Badajoz, *apud* Kastner, *ibidem*, p. 41.

¹⁵ *E-Bac, Actas Capitulares 1572-1587*, Archivo de la Catedral de Badajoz, f. 241v, *apud ibidem*, p. 42.

¹⁶ *E-Bac, Actas Capitulares 1572-1587*, Archivo de la Catedral de Badajoz, f. 225v.



Além dos habituais serviços como intérprete organista, comprovados pelos respectivos “regimentos” na Catedral de Badajoz, era prática das Catedrais a instrução dos “moços de coro” para aprenderem a tocar órgão, clavicórdio e harpa¹⁷.

Aceitando a hipótese de Kastner, sobre a data de nascimento de Rodrigues Coelho, este teria então cerca de 18 anos quando assumiu o cargo de organista substituto na Catedral de Badajoz, pelo que seria provável que a sua formação ainda não estivesse concluída e ainda não tivesse obtido as suas ordens menores sacerdotais, aproveitando, a partir de 1577, para prosseguir essa formação na sua terra natal, em Elvas.

Nas várias notas biográficas sobre este compositor é referido, directa ou indirectamente, que Coelho teria assumido posteriormente a função de organista na Catedral de Elvas. No entanto, num dos mais significativos e tardios estudos sobre este compositor, Kastner refere que “infelizmente não se conservaram nenhuma *Contas da Fábrica da Sé de Elvas* anteriores a 1598. Além disso, todos os *Autos Capitulares* desde 1570 até depois de 1650 se perderam, de modo que já não se poderá investigar Rodrigues Coelho, quando sucedeu ao seu mestre e foi nomeado organista da Catedral”¹⁸.

Esta circunstância deve-se em muito ao processo de transformação da própria Sé de Elvas, que anteriormente se denominava Igreja de Nossa Senhora da Praça. A sua construção foi iniciada em 1517 sob a orientação do arquitecto Francisco de Arruda, que então era responsável pelo Aqueduto da Amoreira, na sequência da elevação de Elvas a cidade no ano de 1513. Após o período de construção, a Igreja de Nossa Senhora da Praça abriu ao culto no ano de 1537 e, fruto da criação do bispado de Elvas pelo Papa Pio V em 1570, passou a denominar-se Sé d’Elvas. Esta caracterizou-se por constantes obras de construção e ampliação, das quais se destacam, por exemplo, a finalização da primitiva capela-mor assinada por Pêro Vaz Pereira e Manuel Ribeiro, somente no ano de 1599¹⁹.

¹⁷ M.S. Kastner, 1957.

¹⁸ *Idem*, 1979, p. 47.

¹⁹ Câmara Municipal de Elvas, ed. 2009, pp.5-6.



Na sequência da união das coroas, portuguesa e espanhola, nos anos de 1580 e 1581, durante a estadia de Filipe II de Espanha em Lisboa, ficou lembrada na história da música portuguesa a observação do então recém-proclamado Rei de Portugal que numa carta datada de 10 de Julho de 1581 às suas filhas lamentava que “por no aver aquí quien tañese bien los organos en la capilla, hize venir aquí á Cabezón”²⁰.

Mediante excertos de documentos consultados e acatando o referido pedido do monarca, presupõe-se que a visita e permanência de Hernando de Cabezón em Portugal, organista e músico da Corte em Espanha entre os anos de 1566 e 1601, tenha tido a duração aproximada de seis meses, no ano de 1581²¹.

Tendo em conta que a rota de Madrid passava por Elvas, a hipótese que Rodrigues Coelho tenha não só conhecido pessoalmente, como também trocado alguns conhecimentos e impressões musicais, tanto ao nível da interpretação como da composição, com Hernando de Cabezón, apresenta-se como muito viável a Kastner e outros musicólogos, supondo que teve a oportunidade de partilhar a obra de seu pai, impressa três anos antes (Cabezón, 1578)²². Esse facto viria, segundo este mesmo musicólogo²³, a influenciar a obra de Rodrigues Coelho tanto a nível da composição de tentos, como das obras litúrgicas, referindo que “a maneira de Cabezón e, principalmente, a maneira espanhola, são uma constante essencial na obra de Coelho, um facto que não deve ser omitido”. Sem nos alargarmos sobre a questão das influências na composição, a hipótese lançada por Kastner e acatada por muitos outros musicólogos, que Rodrigues Coelho possa ter beneficiado de orientação, mesmo que passageira, do então conceituado músico da corte vizinha, demonstra ser bastante vaga se considerarmos: 1) a coincidência ou previsão da data de passagem de Cabezón pela rota alentejana que permitiria o encontro; 2) o privilégio que o então jovem Manuel Rodrigues Coelho teria para individualmente beneficiar de tal orientação e, 3) o facto do próprio compositor não fazer qualquer referência no prólogo da sua obra *Flores de Música*, o que seria de prever, por exemplo, à semelhança de Manuel Cardoso, quando em contacto com um conceituado organista que tinha sido chamado pelo monarca. Esta

²⁰ F. M. S. Viterbo, 1932; Cf. Kastner, 1936b, p. 51 e R. V. Nery, 1992, p. 421.

²¹ M. S. Kastner, 1936, p. 53.

²² *Idem*, 1979, p. 48.

²³ *Id*, *ibidem*.



conjectura, no entanto, não invalida que Coelho pudesse conhecer e até ter sido influenciado pelas *Obras de Música para Tecla, Harpa y vihuela de António de Cabezón* publicadas no ano de 1578. Contudo, um estudo comparativo de alguns aspectos compositivos, descritivos e interpretativos entre estas duas colecções, demonstram que não é possível comprovar esta influência das *Obras* nas *Flores de Música*²⁴.

Sobre a cidade de Elvas, existe uma referência do cronista da viagem de D. Felipe a Portugal no ano de 1619, quando passou pelo local:

Elvas he Cidade habitada de muita nobreza, e de Cidadãos ricos, abundante de pão, gados e azeite em grande quantidade, e não menor bondade (...) Em tempo del Rey D. Sebastião foi erigida a Cathedral (...) ouve luminárias, danças e folias, demonstrações do sumo contentamento, e excessiva alegria dos Portugueses com que esperavão receber a seu Rey e Senhor naquelle lugar primeiro de seu Reino²⁵.

As primeiras referências factuais descobertas sobre o primeiro cargo de Mestre de Manuel Rodrigues Coelho remetem-se ao “Livro de receita da Fábrica da Sée 1598 a 1638” na “Recepta do Ano de 1601”:

Item recebo mais vinte mil rs. Desde o dia q. se foi M.re Rodr.z tangedor do órgão até S. João de noventa e oito da vaga do dito órgão, sendo cazo q. M.re Rodr.z mostrar q. não demorou tanto, ó que mostre que perdeo menos lho pagará a fábrica²⁶.

Item carrega mais sobre o dito depositário cento e nove mil oitocentos do dito organista do dito dia de S. João de nouenta e oito até deste anno de cinco de Março de seiscentos²⁷.

²⁴ Vide E. Rocha. 2011.

²⁵ J. B. Lavanha. 1622, f. 15, *apud* Kastner, 1979, p. 63.

²⁶ *P-Em* Ms n° 6682 F.G. f.13v.

²⁷ *Ibidem*. f.14.



A estas notas, seguem-se outras referências nos folios 16 e 21v sobre os organistas substitutos Diogo Francisco e João Alvarez e respectivo pagamento por ordem do Bispo, presumindo que numa data posterior a 5 de Agosto de 1598 (data em que teria efectuado um baptismo na própria Sé de Elvas), Rodrigues Coelho se tenha ausentado do seu posto, sob motivo desconhecido, e retomado entre 1600 e 1601, ao qual Kastner lançou como hipótese que este músico tenha partido para Évora ao serviço dos Duques de Vila Viçosa ou de outra Igreja²⁸.

Como organista na Sé de Elvas, segundo consta no documento “do Mestre de Órgão”, as suas obrigações eram consideráveis, mas muito limitadas à actividade solista e de executante, mas não da parte pedagógica de formação/instrução de novos organistas²⁹, dado que a cultura dominante durante o século XVII era predominantemente religiosa e que a enorme maioria dos músicos nesse contexto eram clérigos e/ou membros de ordens religiosas³⁰.

Os documentos e registos de Baptismos, encontrados por Kastner aquando das suas pesquisas e que confirma como lavrados por Rodrigues Coelho³¹, foram identificados no Arquivo Histórico Municipal de Elvas no respectivo livro de Registos:

- 1588: *O Livro de Registos de Baptismo da Catedral [...] Batizados Sê 1567-1590* contém dois registos de baptismo lançados no ano de 1588, dos quais o primeiro tem a assinatura de *Padre Mestre Manuel Rodrigues* e o segundo de *Mestre Manuel Rodrigues*.
- 1598: no *Liuro dos Baptizados da Egreja Parrochial de Nossa Senhora da Alcasova de 1583-1612* em que o celebrante assinou igualmente o nome de “Manoel Rodrigues”

²⁸ M.S. Kastner, 1979, p. 49.

²⁹ Documento acessível na Biblioteca Municipal de Elvas: *P-Em Ms n° 12765 FG.&Ms n° 1985 P.H.* *apud* Kastner, 1979, pp. 37-38.

³⁰ M. C. Brito. 1989, p. 55.

³¹ M. S. KASTNER, 1979, pp. 32-33. A publicação de fotos fac-similadas destes registos encontram-se na 2ª edição revista do 1º volume das *Flores de Música* por este musicólogo (1976).



A escassez dos documentos encontrados com a referência a Manuel Rodrigues Coelho na função de padre demonstra aparentemente a sua prioritária dedicação à vida musical dentro deste âmbito religioso, tendo provavelmente a sua ordenação cumprido mais uma formalidade, para corresponder às necessidades da época, por parte de quem se beneficiou de uma formação completa como músico. A sua dedicação religiosa é demonstrada na sua obra através da composição de obras sacras, em que *Flores de Música* abarca directamente uma considerável parte litúrgica destinada à função do ofício.

Tendo como referência a data de publicação das *Flores de Música* e a indicação do próprio compositor no seu prólogo sobre a duração do seu serviço em Lisboa, deduz-se que Coelho obteve o cargo de organista na Sé de Lisboa em 1603, embora Kastner apresente como viável que possa ter iniciado ainda no ano de 1602³².

E assi mesmo na See de Lisboa, da qual vim ao Serviço de S. Majestade, donde ha dezassete annos que sirvo com a satisfação que todos sabem: tendo passado pello riguroso exame, que na sua Real Capela se me fez, estando a elle presente no choro o muito reuerendo Prelado della com todos os capellães e cantores³³.

A 10 de Julho de 1604, depois do referido “rigoroso exame”, Rodrigues Coelho é admitido como capelão e tangedor de Tecla³⁴ e Organista na Capela Real³⁵. É lavrado na cidade de Lisboa o seguinte documento com referência ao início de actividade no dia 25 de Fevereiro de 1604:

³² Kastner, 1936b, pp. 33-34; 1976 (2ª. ed); B. Hudson, 2001.

³³ “Prologo da Obra aos Tangedores, & professores do instrumento de Tecla” in Coelho, 1620.

³⁴ M.S. Kastner, 1936b, p. 34.

³⁵ *Idem*, 1959.



M^{el} Roiz
Capelão

Dom Filipe & dos que esta minha carta de padrão virem faço saber que eu ey por bem e me praz de fazer mercê a M.el Roiz, meu capellão e tangedor dos orgãos de minha capella, que elle tenha e aja de minha fazenda de tença cadanno em sua vida vinte mil r.s em quanto servir na capella, os quaes começara a vencer de vinte cinco dias de feu^o deste anno presente de seis centos e quatro em diante em que lhe fiz delles merce e lhe serão paguos com certidão do meu capellão mór ou daião de minha capella de como serue nella asi como os tinha e avia Estacio de Lacerna em cujo lugar elle entrou, e portanto mando a dom Fernando de Noronha conde de Linhares, meu muito amado sobrinho, do meu conselho do estado e vedor de minha fazenda que lhos faça assentar no liuro della e do dito tempo em diante despachar cadanno em parte omde aja delles bom pagamento e por firmeza de todo lhe mandey dar este por mim asinado e aselado com o meu sello pendente. Antão da Rocha o fez em Lisboa a dez dias de julho anno do nascimento de nosso Senhor Ihu Xpõ de mil seis centos e quatro. Sebastião Perestrello o fez escrever.

o sobredito M^{el}
Roiz três m^{os} de
trigo de
sentença

Dom Filipe & outro tal padrão nem mais nem menos como o asima escrito de tres moios de trigo ao mesmo M.el Roiz capellão e tangedor feito no mesmo anno e dia pellos mesmo escriuaes³⁶.

No documento do *Regimento da Capela Real* encontra-se previsto que um organista aufera um vencimento na ordem dos 50.000 reis, um Capelão 40.000 e um Mestre de Capela 80.000 reis³⁷.

Kastner salientou brevemente este aspecto do vencimento dos organistas da Capela Real, realçando o facto de Diogo de Alvarado, no ano de 1602, receber a quantia de 30.000 maravedis e 3 alqueires de trigo³⁸.

Faço saber que havendo respeito à boa informação que tenho de Diogo de Alvarado, biscainho de nação e tangedor de órgão em minha capela, e aos muitos anos que há que me serve, hei por bem de lhe fazer mercê, enquanto nela me servir de trinta mil réis de tença cada ano, que pelo regimento se prometem os quais começará a vencer de dezoito dias de Abril deste ano presente de mil seiscentos e dois em diante³⁹.

³⁶ P-Lant, D. Filipe 2.º, *Doações*: L.º, 10. f. 353-353v.

³⁷ P.Ln, cap. 17 *apud* A. Latino, 1993, p. 8.

³⁸ M.S. Kastner, 1979, p. 58.

³⁹ P-Lant, F2, *Doações*, L.9:320 (13.04.1602). F. M. S. Viterbo, 1932, p. 30 e *apud* A. Latino, 2001, p. 454.



Posteriormente, aquele musicólogo complementa que “Manuel Rodrigues Coelho, na qualidade de capelão, organista e harpista da Capela Real, com certeza não auferiu menos ordenado que o seu colega leigo, o organista Diogo de Alvarado, facto ao qual porventura o autor destas linhas não teria aludido com toda a clareza nalguns dos seus escritos anteriores, onde mencionou o mestre de Elvas, pois este recebeu como capelão e como tangedor.”⁴⁰ Este aspecto poderá ser contestado à luz do estudo dos documentos já transcritos por Viterbo, nomeadamente no documento a Verdugo.

De salientar que cerca de um ano após, encontra-se uma outra tença dirigida pelo Rei Filipe I a Manuel Rodrigues Coelho, a quem denomina igualmente de “Manoel Rois”, então ainda considerado recente capelão cantor da capela real, atribuindo três molhos de trigo como tença anual, ao qual Viterbo acrescenta no final que uma outra carta após o referido documento lhe concedia 30.000 r.s de tença.

Dom Felipe & aos que esta minha carta virem faço saber que eu ey por bem em praz fazer mercê a Manoel Rois, que ora de nouo acytey por capellão cantor da minha capella, de tres moios de trigo de temça cadanno emquanto não for prouido de outras cousa, que lhe serão pagos com certidão do meu capella de como he contino no serviço della e de como não he prouido doutra cousa porque semdo os não leuara mais nem os trinta mil r.s. de tença, de que também lhe fis merce pello dito respeito, os quais tres moyos de trigo comesara a vencer de trinta e huu de Outubro de seis cemtos e simquo em diante, em que lhe fis a dita merce e mãodo a dom Duarte de Castel Branco, conde de Sabugal, mordomo mor deste Reyno, do meu conselho do estado, e uedor de minha fazenda que lhe faça assentar os dittos tres moyos de trigo nos liuros della e do dito tempo em diamtte despachar cadanno em parte omde delles aja bom pagamento, e por firmesa de tudo lhe mãodey dar esat carta por mym assynada e sellada di meu sello pendentte. Luís de lemos o fés em Lisboa a simco de mayo de seiscêtos e sette. Sebastião Perestrello o fés escrever.⁴¹

Neste âmbito, um breve estudo comparativo de vencimentos auferidos pela mesma função demonstra que esta não era uma questão linear. Encontram-se documentos, como por exemplo sobre Gaspar Correia, “tangedor de órgãos da igreja de Santiago da vila de Almada”, que indicam que no ano de 1604 lhe é atribuído o

⁴⁰ M. S. Kastner, 1984, p. 14.

⁴¹ *P-Lant*, D. Filipe 2.º, *Doações*, L.º, 14, f. 358 (cf. Viterbo, 1908, Doc. III, p. 83-84).



ordenado de “dez cruzados”⁴² que é outro tanto como tinha e havia Francisco da Guarda [...]”⁴³. Numa outra referência sobre o tangedor dos órgãos de São Paulo da vila de Palmela, Diogo Ribeiro, encontra-se uma petição aprovada posteriormente:⁴⁴

Em que diz que há seis anos que serve de tangedor deles por provisão de Vossa Majestade com o ordenado de dez mil réis em cada ano, com que se não pode sustentar por ser mui ténue e não ser outra coisa, e o trabalho e obrigações que tem com o dito cargo ser grande que portanto pede lhe faça Vossa Majestade mercê de lho acrescentar a outro tanto ordenador como têm os tangedores das igrejas das vilas de Setúbal, que têm as mesmas obrigações e trabalho⁴⁵.

Prosseguindo este documento com uma menção a outros tangedores que recebem a quantia de 19.000 réis, nomeadamente os organistas de Santa Maria e São Gião da vila de Setúbal, neste documento é proposto também um aumento de seis mil réis, aludindo que mesmo assim, seria três mil réis menos do que outros referidos tangedores⁴⁶.

Outros documentos relacionados ao vencimento dos tangedores dos órgãos encontram-se em registos vários nas chancelarias reais que sobreviveram ao longo do tempo, como o caso de Francisco Barreto, sucessor de Gaspar dos Reis, na igreja de Santiago da vila de Almada, recebendo anualmente dez cruzados,⁴⁷ Manuel de Moura, igreja da Matriz de Nossa Senhora do Castelo, Palmela, dez mil réis,⁴⁸ Manuel (Estevão) Sardinha, organista de Santa Maria da Graça da vila de Setúbal, que em 1608 tem um acréscimo de 5.000 réis, passando a usufruir de 24.000 réis,⁴⁹ Bernardo de Gouveia, filho de João Serrão de Macedo e tangedor dos órgãos da igreja da freguesia de Santiago, Sesimbra, a quantia de 12.000 réis,⁵⁰ entre outros.

⁴² Segundo os cálculos de tabelas de comparativas numismáticas: correspondente a 10 cruzados.

⁴³ OS, L.8:92v (14.01.1604) *apud* Latino, 2001, p. 457.

⁴⁴ MCO, *Registo das Consultas 1589-1609*: 157v margem (24.07.1607) *apud idem, ibidem*, p.461.

⁴⁵ *Id.*, 157v (17.05.1607) *apud ibid*, p. 460.

⁴⁶ *Ibidem*, 157v (17.05.1607) *apud idem, ibidem*, pp.460-461.

⁴⁷ OS, L.11:169 (16.06.1608) *apud ibid*, p. 462.

⁴⁸ OS, L.11:189 (18.06.1608) *apud ibid*, pp. 462-463.

⁴⁹ OS, L.11:211v e seguintes (02.12.1608) *ibid*, p. 465.

⁵⁰ *P-Lant*, F2, *Doações*, L.21:93 (19.12.1608) *apud ibid*, p. 465.



Destas referências, um dos pontos que mais se destaca é o facto de se distinguir claramente quando um tangedor era contratado como organista dos órgãos da igreja, o que, pela frequência com que surge o plural demonstra que numa igreja de maiores dimensões ou importância, era comum esta ter pelo menos dois órgãos. Desta forma, no caso de uma igreja possuir só um instrumento, o vencimento seria consequentemente menor, como consta, por exemplo, no seguinte documento:

Pedro Luís, morador na vila de Ferreira e visto que o que alega, hei por bem e me apraz fazer-lhe mercê do cargo de tangedor do órgão da igreja matriz da dita vila de Ferreira enquanto eu houver por bem e não mandar o contrário e haverá em cada um ano de ordenado pelo trabalho de tanger o dito órgão seis mil réis [...].⁵¹

Sucessor do organista Estacio Lacerna (que servia desde 1595), Rodrigues Coelho passou a trabalhar com o outro organista da Capela real, Diogo (ou Diego) de Alvarado, que por sua vez, tinha sucedido ao organista Sebastião Martins Verdugo, tangedor de tecla da Capela Real e natural de Madrid, e em cuja tença lhe é atribuída a quantia de 60.000 rs. anuais a partir do dia 20 de Novembro de 1595, salvaguardando “em que lhe fiz mercê e largará os ditos sessenta mil rs. sendo prouido de renda eclesiástica que os valha”⁵².

Por este documento pressupõe-se que o vencimento de Coelho fosse menor, exactamente porque receberia uma renda eclesiástica, que lhe permitia por sua vez não ser deduzida sobre o vencimento como tangedor de tecla, razão pela qual aparentemente recebia proporcionalmente menos que os seus colegas.

O tempo diário de Coelho deveria ser partilhado entre as obrigações litúrgicas, o ensino, a composição e o estudo das suas próprias obras que viriam a constituir as *Flores de Música*. As referências do próprio compositor no prólogo da sua obra documentam a actividade como professor de música, referindo que: “com minhas lições aproueitado a muitos discípulos em varias partes deste Reyno, em que fuy bem

⁵¹ OS, L.11:218 (19.01.1609) *apud ibid*, p. 466.

⁵² *P-Lant*, D. Filipe I, *Doações* L.º31, f.123 *apud* Viterbo, 1908, p. 84.



recebido, não somente em a See d'Elvas, minha igreja primitiva, & natural, aonde me criei, & de idade de oyto annos ja nisto estudaua”⁵³.

Da repercussão das suas obras, encontra-se o *Livro de obras de órgão compiladas por Frey Roque da Conceição*, que data do ano de 1695⁵⁴, e o Livro de Órgão originário do Convento do Bouro, intitulado na sua transcrição e publicação de *Obras selectas para Órgão: ms 964 da Biblioteca Pública de Braga*⁵⁵. Nesta última colectânea (*P-BRD* MM 964) constam várias obras transcritas das *Flores de Música*, nomeadamente de excertos de obras adaptadas às necessidades dos tangedores de tecla que seccionavam as originais e retranscreviam, muito provavelmente para encurtar o tempo de interpretação das respectivas partes na missa, intercalando essas secções com pequenos interlúdios de sua autoria. Embora este facto por si só não condicione a interpretação que essas obras e excertos tenham sido copiados directamente por discípulos deste compositor, tal como é referido pelo próprio Coelho no seu prólogo, prevê-se contudo que este livro tenha tido uma ampla e rápida divulgação, reconhecendo que os grandes centros tivessem adquirido um exemplar deste volume⁵⁶.

Sobre a hipótese de Rodrigues Coelho ter criado uma Escola ou corrente própria, em termos de influências e repercussão ao nível da interpretação e estilo de composição na sua acção como professor e músico, é afirmada por Kastner⁵⁷ alegando, contudo, que na “falta de pontos de referências musicais e arquivísticos é impossível verificar em que medida alguns organistas elvenses estão relacionados com a Escola de Rodrigues Coelho. Por exemplo, *Francisco Pinto Gramacho*, de 1663 a 1666 organista na Catedral; *Belchior da Cruz* e *António Ferreira*, em 1669 organistas da Paróquia de S. Salvador; *P. Jorge Machado Ribeiro*, de 1669 a 1670 organista da igreja paroquial de S. Pedro também em Elvas”⁵⁸.

Muitos dos organistas activos nas Sés e igrejas portuguesas no século XVII eram leigos embora, conforme se pode depreender da leitura de alguns

⁵³ “Prologo da Obra aos Tangedores, & professores do instrumento de Tecla,” Coelho, 1620.

⁵⁴ Obra parcialmente transcrita e publicada por K. Speer ed. 1967.

⁵⁵ Obra parcialmente transcrita e publicada por G. Doderer ed. 1974.

⁵⁶ Cf. Doderer, 1978, p. 36.

⁵⁷ M. S. Kastner, 1979, p. 62.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 70.



documentos, as autoridades religiosas preferissem atribuir o cargo a um clérigo. Encontram-se 32 organistas leigos mas, dos cerca de 100 organistas comprovadamente religiosos referenciados, apenas 10 (todos pertencentes ao clero secular) recebiam um ordenado em dinheiro⁵⁹.

Centrando-nos presentemente na função específica e cargos exercidos por Rodrigues Coelho, segue-se uma tabela dos organistas da Capela Real entre meados do século XVI e meados de XVII, baseado na esquematização de Latino⁶⁰:

Tabela 1: Lista de organistas na Capela Real entre 1565 e 1671

1551	1589	António Carreira	Mestre de Capela
1565	1578	Afonso da Silva	Tangedor dos órgãos
1565	1603	Diogo Luís	Tangedor dos órgãos
1581	1581	Hernando de Cabezón	Tangedor de órgão
1587	1589	António Macedo	Capelão cantor e organista
1595	1596	Sebastião Martins Verdugo	Tangedor de tecla
1595	1604	Estácio Lacerna	Capelão e tangedor dos órgãos da capela
1600	1643	Diogo Alvarado	Tangedor de tecla
1604	1633	Manuel Rodrigues Coelho	Capelão e Tocador de Órgãos da Cappela Real / tangedor de tecla da capela
-	1642	Álvaro Gomes ⁶¹ / João de Oliveira	organista
1651	1671	J. Cabrero	

Das referências a Manuel Rodrigues Coelho nos documentos de 10 de Julho de 1604 (contratação) e 13 de Outubro de 1633 (reforma), respectivamente, aparece a

⁵⁹ A. Latino, 2001, p. 159.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 93 e 1993, pp.18-41.

⁶¹ “Viterbo refere-o no nome de João de Oliveira, o organista que o substituiu em 1642, por ser falecido” in *Subsídios para a história da música...* pp. 246-248 *apud* Latino, 1993, p. 28.



indicação da nomeação a capelão e tangedor dos órgãos da Capela e, posteriormente, aquando da declaração da sua reforma, é descrito como tangedor de tecla da Capela.

Devido ao facto dos instrumentos de tecla não serem nessa época diferenciados – compunha-se indiscriminadamente para órgão, clavicórdio e cravo – várias hipóteses podem ser levantadas em relação à autêntica função dos músicos contratados para esse cargo, em que se distinguia o tangedor de tecla do tangedor de “órgãos”.

Considerando o exemplo de Diogo de Alvarado, colega de Rodrigues Coelho, este foi contratado para a função de tangedor de tecla enquanto Manuel Rodrigues Coelho ficou como responsável pela interpretação nos órgãos. Kastner lança como suposição que, em actuações conjuntas na capela Real, Rodrigues Coelho tocasse harpa, instrumento pelo qual era bastante conceituado⁶². Considerando que o tangedor de tecla seria um cargo que beneficiaria de uma maior proximidade com os membros da corte real, depreende-se o motivo pelo qual o cargo de organista seria comparativamente de remuneração inferior e o facto de, ao longo do seu percurso musical, Manuel Rodrigues Coelho tenha sido promovido a tangedor de tecla, como referido no documento que atesta a sua reforma.

A respeito dos instrumentos aos quais se destinavam as obras contidas nas *Flores de Música*, Kastner expôs inicialmente a igual predominância de outros instrumentos de tecla, fundamentando que “o virginal e outros instrumentos com o mecanismo de pennas conquistaram já nos princípios do século XVI a preferência dos portugueses”⁶³ como é atestado pela presença, em 1523, de um construtor de cravos e virginais holandês na corte de D. João III e do quais restaram vários exemplares como património. Posteriormente surgem outras referências a cravos produzidos por construtores locais ou nacionais, mas também de construtores estrangeiros, sobretudo no século XVI importados da Flandres e no século XVII da Itália, factos estes que demonstram a forte implementação e utilização do cravo em Portugal.

⁶² M.S. Kastner, 1984, p. 58.

⁶³ *Id.*, 1936b, p. 47.



Todavia, várias referências mencionam o facto da obra *Flores de Música* ser mais adaptada ao órgão, fruto da posição de Kastner, além de outros aspectos ligados a questões formais de composição⁶⁴.

O facto de Rodrigues Coelho ter composto a sua obra para instrumentos de tecla e harpa, mereceu de Kastner um outro estudo sobre este instrumento de corda, fundamentando que “o mestre executaria na Capela Real umas vezes na harpa, outras no órgão”, dado que “pelo menos entre 1580 e 1760, todas as catedrais, mosteiros e conventos abastados da Península mantinham pelo menos um, quando não dois harpistas ao seu serviço”⁶⁵: “Coelho, Manuel Rodrigues (n. c. 1555, Elvas m. c. 1635, Lisboa?) – Organista e harpista em Badajoz, Elvas e Lisboa (Sé e Capela Real).”⁶⁶ Por sua vez, Hernando de Cabezón no prómio de *Obras* (Madrid, 1578) refere que: “El instrumento del harpa es tan semejante a la tecla que todo lo que ella se tañe, se tañerá en el harpa sin mucha dificultad”⁶⁷.

Numa outra referência sobre a música na Catedral de Elvas, numa descrição pormenorizada sobre o casamento de D. João e D. Luisa de Gusmão no ano de 1633, encontra-se uma breve nota de Diogo Ferreira Figueiroa onde refere que: “Ao entrar na Sé se tocaram os órgãos e charamelas juntamente que fazendo um festival ruido não pararam até os senhores chegarem ao lugar que lhe estava destinado”⁶⁸.

Sobre o clavicórdio, instrumento mais utilizado na função do estudo e aprendizagem e amplamente divulgado em Portugal, na referência e elogios realizados ao músico Francisco de Peraza (1564-1598)⁶⁹ é caracterizado também pela possível imitação dos meios registos do órgão então em expansão nos reinos de Espanha:

Era cosa maravillosa que en un instrumento tan imperfecto como el Monacridio tañia con tanta excelencia i superioridad, que imitava en el el tañido de la viguela delio Severino excelente Musico de ocho ordenes, e el

⁶⁴ Cf. G. Oldham, 1961.

⁶⁵ M. S. Kastner, 1984, p. 14.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁶⁷ H. Cabezón, 1578.

⁶⁸ Diogo Ferreira Figueiroa *apud* Latino, 2001, nota 34, p. 648.

⁶⁹ F. Pacheco, 1599, f.160.



mayor que se conocia en aquellos tiempos; i assi mesmo imitava el tañido de Juan Leonardo de la Harpa, que tomó su Apellido de la excelencia que tenia en aquel instrumento, imitava los medios registros de voz umana i tenor por tiple, que se hallan en todas las misturas de los Organos, siendo el primer inventor dellas con tanta velocidad i destreza en las manos, que executava en el Monacórdio quanto se le ofrecia a la fantasia⁷⁰.

No âmbito dos instrumentos existentes e interpretados nesse período, algumas referências foram apresentadas sobre a implementação do modelo de órgão que viria posteriormente a ser identificado como particular da Península Ibérica, e que então se caracterizava pela divisão do teclado (teclado partido) e respectivos registos que permitiam a ampliação de recursos tímbricos, desenvolvendo a inovação em termos de novas formas musicais maioritariamente intituladas de tentos de meio-registo. Bastante divulgado e elogiado em Espanha, distingue-se a posição de Correa de Arauxo que dedicou uma parte das suas composições na *Facultad Organica* a esta característica forma musical ibérica pelo facto de estar bastante expandida nos seus reinos, embora refira que em outros não o esteja, numa possível alusão a Coelho, uma vez que conhecia a sua obra.

Sigvese otro nvevo / orden de Tientos de Medio Registro, / celebre inuencion, y muy versada en los reynos de Castilla, aunque en otros no conocida; el qual se diuide en quatro partes [...].⁷¹

Este aspecto foi amplamente abordado por alguns musicólogos na tentativa de situar Rodrigues Coelho no contexto evolutivo do órgão na Península Ibérica. Caracterizando o órgão em Portugal em inícios do século XVII ainda no modelo primitivo e, maioritariamente de um teclado inteiro, pode-se considerar que Coelho

⁷⁰ “Era coisa maravilhosa que num instrumento tão imperfeito como o Monacordio [clavicórdio], tocava com tanta excelência e superioridade que imitava nele o tocar da vihuela do Severino, excelente Músico, de oito ordens, e o maior que se conhecia naqueles tempos. E assim mesmo imitava o tocar de Juan Leonardo de la Harpa, que tomou o seu apelido da excelência que tinha naquele instrumento, imitava os meios registos de voz humana e tenor por tiple [voz superior], que se fazem em todas as misturas dos Orgãos, sendo o primeiro inventor delas com tanta velocidade e destreza nas mãos, que executava no clavicórdio quanto lhe oferecia a fantasia” (tradução do autor). *Idem, ibidem*, ff.161-162.

⁷¹ “Segue-se uma nova ordem de Tentos de Meio-Registo, célebre invenção e muito versada nos reinos de Castilha, ainda que em outros não conhecida; qual se divide em quatro partes [...]” (tradução do autor) F. Correa Arauxo, 1626, f. 65.



tenha conhecido esse modelo de órgão, sem contudo ter alterado a composição das suas obras que, segundo a sua própria indicação, se encontravam previamente prontas antes da respectiva edição. Esta possibilidade confirma-se se considerarmos o desenvolvimento e integração decorrente das primeiras décadas do século XVII, onde alguns factos contribuíram para a acelerada evolução da música e ensino em Portugal, como é o caso, por exemplo, da criação do Colégio dos Santos Reis, em 1609, pelo Duque de Vila Viçosa, como centro musical para treinar rapazes para a profissão de músicos.

Data de 21 de Julho de 1617 um comentário de Fr. Manuel Cardoso, como descrito pelo próprio autor nas *Flores de Música*, em que este reconheceu e examinou toda a obra que então estava concluída para a concessão das licenças que permitiria a Rodrigues Coelho pedir autorização para a respectiva publicação.

O facto de Rodrigues Coelho ter solicitado o parecer de Fr. Manuel Cardoso sobre a sua obra tem sido frequentemente interpretado na vertente pessoal em que o compositor de *Flores de Música* reconhece o valor deste músico e confia na sua apreciação. Não obstante reconhecer essa admiração, convém lembrar que era prática comum eclesiástica que a aprovação ou avaliação do mestre de capela real, cargo assumido por Fr. Manuel Cardoso, determinaria em muito a aceitação e reconhecimento externo.

Também he cousa mui sabida, que na duuidas, que ocorrem nas Cathedraes, Conuentos, e mais Igrejas deste Reyno, e fora delle, são de ordinario consultados os Mestres das cerimonias da nossa Capella Real, a cujos pareceres se tem tanto respeito, e dá tanto credito, que em toda a parte o que por elles he determinado, costuma ser de todos bem recebido⁷².

Dado que o custo financeiro da publicação das *Flores de Música* era da responsabilidade do próprio compositor, Kastner lança a hipótese que Coelho tenha

⁷² “Declaram que agora fez o nosso Santissimo Papa Urbano VIII sobre auer de anticipar o presente anno de 1639 o jejum da vigilia de S. João Baptista, como consta do Breve incluso...” Manuel da Silva, 1639 *apud* D. R. Curto, 1993, p. 153.



aguardado a visita de Felipe III a Portugal para lhe pedir um auxílio monetário para a publicação, justificando assim a espera de três anos antes da obra ser finalmente publicada. Contudo, esta hipótese é contrariada pela prática corrente que se verifica em casos como a publicação *Obras de Música* de Hernando Cabezón – também aprovada três anos antes da sua publicação em nome do Rei, por Antonio de Errasso a 21 de Setembro de 1575, e publicada no ano de 1578 – ou remetendo ainda à *Arte novamente inventada* de Gonzalo de Baena, da qual se conhecia a autorização quatro anos antes da respectiva publicação em 1540.

A viagem e visita do Rei Filipe III a Portugal entre Abril e Dezembro de 1619 “para juramento de seu filho o príncipe Filipe,”⁷³ lançou a possibilidade da obra *Flores de Música* ter sido dedicada a este monarca aguardando o seu régio apoio para a publicação autorizada desde 1617. Contudo, não foi encontrada qualquer prova documental a respeito que possa confirmar esta hipótese.

A 10 de Fevereiro de 1620 foi anunciada finalmente a taxa de “mil reis em papel” pela publicação das *Flores de Música* e, no dia seguinte, Rodrigues Coelho recebe a autorização do inquiridor-mor Episcopal para a publicação definitiva, confirmando a correspondência com o original apresentado.

A organização e estrutura sistemática da obra *Flores de Música*, que inclui um número específico de tentos por cada modo (três), um número determinado de *intavolaturas* sobre as “Susanas” e hinos sobre o canto chão do *Pange Lingua* e *Ave Maris Stella*, destacado de uma segunda parte constituída pelos versos litúrgicos, são características que comprovam a integração de Rodrigues Coelho no panorama musical europeu e que distingue esta obra na história da música europeia para tecla.

O enquadramento e a contextualização da prática de um compositor demonstrar a perícia e maestria em várias técnicas (nomeadamente em glosar) e a particular organização das *Flores de Música* permitiram classificar sua obra em duas partes: 1) os Tentos – constituídos por 24 tentos de carácter variado e contrastantes entre si, as quatro “Susanas”, que são denominadas pelo próprio autor também como tentos e que integravam a prática de demonstrar a habilidade na arte de *intavolar*, a aplicação e a

⁷³ Kastner, 1936b, p. 35.



inovação em termos de glosas sobre uma obra vocal de reconhecido compositor; quatro *Pange Lingua* (com o canto chão em semibreves) e as quatro *Ave Maris Stella* sobre o respectivo canto chão para demonstrar a destreza de compor sobre o *cantus firmus* em todas as vozes (canto chão no tiple em mínimas, e nas restantes vozes em semibreves) – e 2) versos litúrgicos - constituídos pelos cinco jogos de versos sobre os passos do canto chão de *Ave Maris Stella*; oito jogos de versos sobre os “Oito tons pêra se cantarem ao órgão, acompanhando os sempre a quatro & cinco”; oito jogos de versos sobre os “Outros oito tões sobre o canto chão de cada voz, pêra se tangerem aos Benedictos & Magnificas; sete jogos de “Kirios ou versos por todos os sete sinos, começando de se sol fa ut até b fa negro”⁷⁴.

Após publicação deste volume, procedeu Rodrigues Coelho à sua divulgação e venda, da qual, segundo Kastner, são conhecidas algumas das respostas obtidas, em especial de Évora, onde vendeu um exemplar com a indicação do pagamento da quantia de três mil reis, como consta de um documento com a resposta datado de 10 de Junho de 1620⁷⁵.

Durante o período entre a publicação das *Flores de Música* (1620) e o anúncio do início de dispensa das suas funções (1633), nenhum documento foi entretanto encontrado que possa deslindar a repercussão e acção directa deste tangedor de tecla da corte real no panorama musical que então florescia com outras publicações.

A 13 de Outubro de 1633⁷⁶ foi anunciado o início da reforma do mestre capelão, com uma aposentadoria de “cem mil reais de pensão por ter servido trinta anos contínuos e achando-se muito velho não podia acudir à sua obrigação.”⁷⁷

⁷⁴ A versão fac-similada desta obra encontra-se disponibilizada pela Biblioteca Nacional em formato digital: <http://purl.pt/68>

⁷⁵ *P-Em*, Actas Capitulares de Évora, Cab. A 10 de Junho de 1620. Livro de Au. De 1620 a 1623, f.21v, *apud* Kastner, 1979, p. 61.

⁷⁶ Kastner, 1936b, p. 34;1979, p. 61.

⁷⁷ *Idem, ibidem*, p. 34.



M.^{el} Roiz
Coelho

Eu El Rey faço saber aos q este Alvará virem que hauendo respeito a boa informação que tive de Manoel Roiz Coelho, meu capellão e tangedor de tecla de minha Capella Real, (e mestre) digo e a me ter servido nella trinta annos continos com boa satisfação e asistencia, e hora por sua muita Idade não poder já acodir à sua obrigação, ey por bem e me apraz de lhe fazer mercê de o Apozentar com sem mil rs. de penção das que estão applicadas por sua Sanctidade para a Capella Real, pagos no recebimento della por folha de capellão môr, com declaração que por sua morte se abaterão os ditos cem mil rs. de penção na consignação da Alfandega, pello que mando aos offissiaes e pessoas a que este alvará for mostrado e o conhecimento delle pertencer, que o cumprão e guardem inteiramente como nelle se conthem, o qual quero que valha como carta sem embargo da ordenação do 2º liuro titt.º 40 em contrario. Domingos Barreiros o fez em Lisboa a treze de outubro de mil e seis centos trinta trez. Francisco Ferreira Coelho a fez escrever.⁷⁸

De salientar que, embora o vencimento anual de Coelho não fosse significativamente elevado em comparação aos restantes organistas, como referido atrás, o vencimento auferido neste caso foi considerável. Com efeito, por exemplo ao organista Francisco da Guarda, mestre de capela e tangedor dos órgãos, por mais de trinta anos no Convento de Palmela e aposentado “por ser velho e enfermo e não poder com o serviço do dito convento”⁷⁹, foi proposta a quantia de vinte mil réis por ano.

Depois dessa dispensa, Latino refere a existência que “um relatório para a fazenda datado de 1634 diz que, nesse ano [Rodrigues Coelho] estava a receber metade da sua pensão por S. Martinho de Soaio (Braga) e a outra metade por S. Salvador de Meimão (Guarda)”⁸⁰.

A data da morte de Rodrigues Coelho permanece ainda incerta. Em 1900, Joaquim de Vasconcelos na sua monografia sobre D. João IV⁸¹ apresenta uma série de documentos que referem a actividade de Manuel Rodrigues após a sua reforma do posto na corte real. A primeira referência alude ao cargo que o “P.^e Manoel Rodrigues” teria na Igreja de N. Sr.^a da Conceição em Vila Viçosa, cargo este indicado directamente pelo

⁷⁸ P-Lant, D. Filipe 3.º *Doações*, L.º32, f. 97-97v.

⁷⁹ MCO, *Registo das Consultas* 1589-1609: 160 (22.06.1607) *apud* Latino, 2001, p.461.

⁸⁰ Latino, *ibidem*, p.249.

⁸¹ J. Vasconcelos, 1900.



rei e da qual auferiria um bom rendimento⁸², levando-o a recusar uma outra proposta na Capela de Vila Viçosa.

As missas da Capella, que por mandado do sereníssimo Duque Dom Theodosio disia o *P. Antonio Cepa* pella alma do Sn.^r Dom Alexandre se não disem, porque o *P. Antonio Curvo*, a quem V. Mag. fes mercê della a não aceitou e o *P.^e Manoel Rodrigues*, a quem eu a encomendei, por enquanto V. Mag. a não prouia, me respondeo que sem expresso mandado de V. Mag. o não auia de fazer, porque a elle lhe rendia mais a de N. Sr.^a da Conceição, que também disia por mercê de V. Mag.⁸³

No documento seguinte, na secção das “Cartas de El-Rei ao Deão da capella de Villa Viçosa. LII”, é referida a promoção de três pessoas dessa mesma capela para a capela real, levando conseqüentemente D. João IV a nomear os substitutos, entre os quais, “Manoel Roiz”, sobre o qual Joaquim de Vasconcelos adiciona numa nota de rodapé: “Manoel Rodrigues, segundo uma carta de 18 de Setembro de 1647 estava em Villa Viçosa havia 9 annos; era o 3.^o capellão mais antigo (“Tem servido com satisfação” fol. 57v) – J. de V”⁸⁴. Esta data remete à permanência deste compositor em Vila Viçosa entre os anos de 1638-1647, atestada nas folhas de pagamentos a Manuel Rodrigues que entretanto cessaram nesse mesmo ano, inferindo que tenha entretanto falecido.

Nas suas investigações, Kastner atribuiu a possibilidade do falecimento de Coelho ter ocorrido por volta de 1635, eventualmente em Lisboa,⁸⁵ levando a maioria dos musicólogos a assumirem essa data como autêntica dada a intensa divulgação promovida pela quantidade das suas publicações. Por sua vez, Gerhard Doderer, na sua publicação de 1978⁸⁶ reitera a posição de Vasconcelos e considera como provável que a morte de Rodrigues Coelho tenha ocorrido no ano de 1647 em Vila Viçosa, local onde se recolhiam parte dos clérigos ao serviço da corte real. Doderer, apresentando como

⁸² De salientar que era conhecida a devoção de D. João IV a N. Sr.^a da Conceição, padroeira de Vila Viçosa, a quem, no ano de 1646 entregou a coroa real proclamando-a Padroeira de Portugal.

⁸³ *Apud* Vasconcelos, *ibidem*, p. 59.

⁸⁴ *Idem*, *ibid*, p. 96.

⁸⁵ M.S. Kastner, 1959; M. Kennedy, 2006.

⁸⁶ G. Doderer, 1978, p. 64.



fundamento esses mesmos documentos encontrados, referentes à capela da corte de D. João IV em Vila Viçosa, em que se menciona a presença de um “padre Manuel Rodrigues” na qualidade de reformado capelão até esse ano, data em que deixam de existir mais registos, presumindo o falecimento em 1647⁸⁷.

Segundo Gerhard Doderer⁸⁸, Kastner tinha tido conhecimento desta hipótese mas tinha-a recusado sem apresentar argumentos convincentes sobre a mesma. Considerando a suposição de Kastner sobre a data de nascimento de Rodrigues Coelho (1555), a hipótese de Vasconcelos e Doderer (1647) atribui a este compositor catorze anos além da dispensa para a reforma apresentada pela “muita idade não poder já acodir à sua obrigação” no ano de 1633, remetendo a aproximadamente noventa e dois anos de idade quando este músico faleceu.

A investigação arquivística efectuada, particularmente no espólio da Biblioteca da Ajuda, permitiu aceder novamente às fontes primárias destacando, particularmente, cinco missivas entre 1641 e 1647⁸⁹ que fundamentam a existência de um Padre Manuel Rodrigues em Vila Viçosa. Contudo, a correspondência ao compositor das *Flores de Música* torna-se bastante improvável. Os motivos prendem-se, primeiramente, à ausência de informação existente entre 1633, data do pedido de reforma pelos motivos atrás apresentados, e as datas das referências encontradas (1641), embora um dos documentos induza à data de 1638; e, por outro, a intensa actividade atestada nestes documentos, que requereria uma jovialidade no exercício das suas funções, como, por exemplo, a proposta para ocupar um posto vacante na vila de Porto de Mós e cuja aceitação coincide e justifica a supressão do seu nome nos recibos de pagamento em Vila Viçosa⁹⁰.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 64.

⁸⁸ Informação obtida numa conversa informal com o Professor Gerhard Doderer sobre este assunto.

⁸⁹ *P-La*, Cartas entre o Rei D. João IV e o deão da Capela de Vila Viçosa, Antonio Brito Sousa e Manuel Pessoa: 20 de Agosto de 1641, 51-IX-5, f. 81 (1092); 25 de Outubro de 1641, 51-IX-5, ff. 83-84 (1094); 15 de Março de 1642, 51-IX-5, ff. 44-44v (1072); 6 de Setembro de 1644, 51-IX-7, ff. 51-51v (1385); 18 de Setembro de 1647, 51-IX-5, ff. 57-57v (1080).

⁹⁰ *P-La*, Carta de 18 de Setembro de 1647, 51-IX-5, ff. 57-57v.

**Bibliografia⁹¹:**

- Branco, João de Freitas. 1959. *História da Música Portuguesa*. Coleção Saber. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Brito, Manuel Carlos. 1989. *Estudos de história da música em Portugal*. Vol. 78, Imprensa Universitária. Lisboa: Editorial Estampa.
- Cabezón, Hernando de. 1578. *Obras de Música para Tecla, Harpa y vihuela de António de Cabezón*. Madrid: Francisco Sanchez.
- Centro Histórico de Elvas* (ed.). 2009. Câmara Municipal de Elvas: Publivitrina - publicidade, Lda.
- Coelho, Manuel Rodrigues. 1620. *Flores de musica, pera o instrumento de tecla & harpa*. Lisboa: Pedro Craesbeeck.
- Correa de Arauxo, Francisco. 1626. *Libro de Tientos y Discvrsos de Mvsica Practica, y Theorica de Organo intitulado Facultad Organica*. Alcalá de Henares: Antonio Arnao.
- Curto, Diogo Ramada. 1993. “A Capela Real: um espaço de conflitos (Séculos XVI a XVIII)”. *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas Anexo V - Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII*:143-154.
- Doderer, Gerhard, ed. 1974. *Obras selectas para Órgão: ms 964 da Biblioteca Pública de Braga*. Vol. 25, Portugaliae Musica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- . 1978. *Orgelmusik und Orgelbau im Portugal des 17. Jahrhunderts: Untersuchungen an Hand des MS. 964 der Biblioteca Pública in Braga*. Ed. W. Osthoff. Vol. 5, Würzburger Musikhistorische Beiträge. Tutzing: Hans Schneider.
- Hudson, Barton. 2001. “Manuel Rodrigues Coelho”. *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* 21:500-501.
- Kastner, Macario Santiago (ed.). 1935. *Cravistas portugueses = Les clavecinistes portugais = Old Portuguese key-board music = Alte portugiesische Meister : cembalo/piano*. Mainz: B. Schott's Söhne; Associated Music Publishers.

⁹¹ A Bibliografia restringe-se às referências bibliográficas utilizadas neste verbete. Para mais informações ver Rocha 2010 e 2012.



_____. (ed.). 1936a. *Manuel Rodrigues Coelho. Fünf tentos aus Flores de musica: para o instrumento de tecla e harpa (Lisboa, 1620) = zu spielen auf Orgel, Cembalo, Pianoforte oder Harfe*. Mainz: Schott.

_____. 1936b. *Musica Hispânica: O Estilo do Padre Manuel R. Coelho. A Interpretação da Música Hispânica para Tecla desde 1450 até 1650*. Lisboa: Editorial Ática.

_____. 1957. “La Música en la Catedral de Badajoz (Años 1520-1603)”. *Anuário Musical* XII:123-146.

_____. ed. 1959. *Flores de musica: pera o instrumento de tecla & harpa: Manuel Rodrigues Coelho*. Vol. I, Portugaliae Musica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. 1968. “Vestigios del arte de Antonio de Cabezón en Portugal”. *Anuário Musical* XXI:105–21.

_____. (ed.). 1976. *Flores de musica: pera o instrumento de tecla & harpa: Manuel Rodrigues Coelho*. Vol. I. Livro de tentos. 2ª ed. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. 1979. *Três compositores lusitanos para Tecla: Séculos XVI e XVII. António Carreira, Manuel Rodrigues Coelho e Pedro de Araújo, Serviço de Música*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

_____. 1984. “A Harpa em Portugal (Séculos XIV-XVIII)”. *Boletim da A.P.E.M.* 42-43 (Julho-Outubro):12-16.

Kennedy, Michael. 2006. “Coelho, Manuel Rodrigues”. In *The Oxford Dictionary of Music*, ed J. Bourne. Oxford: Oxford Music Online. <http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/opr/t237/e2252> (acesso: 20/10/2008).

Latino, Adriana. 1993. “Os músicos da Capela Real de Lisboa c. 1600”. *Revista portuguesa de musicologia* 3:5-42.

_____. 2001. *Instituições, Eventos e Músicos: Uma Abordagem à Música em Portugal no Século XVII*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Mazza, José. 1944-45. *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses. (1770-1797)* Ed. J. A. Alegria. Vol. xxiii-xxvi, Separata da Revista Ocidente. Lisboa: Editorial Império.



- _____. 1992. “António Carreira, o Velho, Fr. António Carreira e António Carreira, o Moço: Balanço de um Enigma por Resolver”. In *Livro de Homenagem a Macario Santiago Kastner*, ed. M. F. C. Rodrigues, M. Morais e R. V. Nery. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Newman, Joel. 1961. “Review: Flores de musica, pera o instrumento de tecla & harpa”. Vol. I by Manuel Coelho Rodrigues; Macario Santiago Kastner. *Notes* 18 (3):475-476.
- Oldham, Guy. 1961. “Review: Portugaliae Musica, Vol. I by Manuel Rodrigues Coelho”. *The Galpin Society Journal* 14:94-95.
- Pacheco, Francisco. 1599. *El Libro de Descripción de verdaderos retratos de ilustres y memorables varones. Sevilha.*
<http://fama2.us.es//fde/ocr/2006/libroDeDescripcion.pdf> (acesso: 13/07/2009).
- Rocha, Edite. 2010. *Manuel Rodrigues Coelho “Flores de Música”: Problemas de Interpretação*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- _____. 2011. “Obras e Flores de Música: Contribuições para um estudo comparativo”. *Revista de Musicología* (Sociedad Española de Musicología), XXXIV, 2: 357-373.
- _____. 2012. *Flores de Música de Manuel Rodrigues Coelho*. Elvas: Câmara Municipal de Elvas.
- Speer, Klaus. ed. 1967. *Fr. Roque da Conceição Livro de Obras de Órgão*. Vol. 11, Portugaliae Musica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, Joaquim de. 1870. *Os Musicos Portuguezes: Biographia - Bibliographia*. 2 vols. Vol. 1. Porto: Imprensa Portueza.
- _____. 1900. *El-Rey D. João o 4^{to}: Biographia, a Politica do Monarcha. Vm ervdito no Paço de Villa Uiçosa. Cartas & controuersias. Svas composições. O bibliophilo consvmado*. Porto: Typographia Universal.
- Viterbo, Francisco Marques de Sousa 1908. “Tangedor da Capella Real - Manuel Rodrigues Coelho.” *A Arte Musical*, 30 de Abril de 1908, 81-84.
- _____. 1932. *Subsidios para a história da música em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.